



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**SILVIA REGINA DE OLIVEIRA**

**(depoimento)**

**2014**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

<b>ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE</b>
---

**Entrevistada:** Silvia Regina de Oliveira

**Entrevistador:** Igor Chagas Monteiro

**Local da entrevista:** São Paulo

**Data da entrevista:** 07/05/2015

**Processamento da Entrevista:** Igor Chagas Monteiro

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Páginas Digitadas:** 7 páginas

**Número da entrevista:** E-755

**Data da autorização para publicação no Repositório:** 05/10/2016

### **Informações complementares:**

#### **Observações:**

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Igor Chagas Monteiro intitulada *Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em agosto de 2016.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.
--

## **Sumário**

Início no esporte; Inserção e trajetória na arbitragem; Formação para a atuação na arbitragem; Atuação no futebol profissional; Referências na arbitragem; Arbitragem e vida pessoal; Campeonatos que atuou; Momentos marcantes da carreira; Relação com a mídia; Federação Paulista de Futebol; Confederação Brasileira de Futebol (CBF); Federação Internacional de Futebol (FIFA); Jogos Olímpicos; Homens e mulheres na arbitragem; Significado da arbitragem; Novas gerações; Copa do Mundo de Futebol Feminino: Legado da arbitragem.

São Paulo, 7 de maio de 2015. Entrevista com Silvia Regina de Oliveira a cargo do pesquisador Igor Chagas Monteiro para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

I.M. – Como era visto a mulher na arbitragem quando você iniciou sua atuação?

S.O. – Bom, iniciei em 1980<sup>1</sup> e, no século passado, não é? Na década de 1980 era como se fosse um ET caindo no campo de jogo. Era uma curiosidade para todos, todos ficavam abismados de ver, surpresos e curiosos para saberem se era a mesma coisa que um homem apitando.

I.M. – Enfrentou dificuldades quando você iniciou sua atuação?

S.O. – Não, porque eu sempre fui convidada a ir nos jogos que eu participava, não é? Então as pessoas tinham lá os seus interesses em promover o espetáculo, o jogo e não vou dizer para você que tive dificuldades não. Porque eu sempre estive ali presente porque alguém quis que eu estivesse.

I.M. – Qual foi a maior categoria que você atingiu (CBF, ASP-FIFA, FIFA ou Federação Estadual)? Em qual delas se encontra atualmente?

S.O. – FIFA, por 7 anos. E hoje eu sou instrutora FIFA<sup>2</sup> já há 3, 4 anos.

I.M. - Quais pessoas você destacaria como relevantes para a consolidação da sua carreira?

S.O. – As pessoas que me designaram. Armando Marques<sup>3</sup>, não é? Que foi a pessoa que mais me deu jogos, que mais me deu oportunidades nos grandes jogos. E aquelas que me apoiaram no início da carreira, como os dirigentes da Federação Paulista de Futebol. E aí são muitos e se eu citar um eu poderia me esquecer de outros. Mas eu digo assim, os dirigentes da Federação Paulista de Futebol que começaram a me escalar no futebol

---

<sup>1</sup> Quando realizou um curso de arbitragem na Liga de Mauá (SP), cidade onde residia na época.

<sup>2</sup> Como instrutora FIFA ela atua na formação de outros árbitros/as.

<sup>3</sup> Ex-árbitro de futebol brasileiro, que comandou a Comissão Nacional de Arbitragem da ConFederação Brasileira de Futebol (CBF).

profissional. E depois, na sequência o senhor Armando Marques com certeza a maior figura de representatividade para mim.

I.M. - Quais os principais fatos que contribuíram para isso? Por quê?

S.O. – O principal fato é eu gostar muito da atividade, amar o que eu faço é o que faz com que eu esteja na carreira de árbitra e agora de instrutora, há mais de 30 anos, 35 anos praticamente. Outro fato é foco, o que eu quero fazer? Eu quero ser árbitra de futebol, para isso eu tenho que me dedicar. Como me dedicar? Tecnicamente, estudando a regra do jogo, fisicamente, psicologicamente para enfrentar lá uma grande partida, para todas as partidas. E a partir daí é que tudo foi se desenvolvendo uma partida após a outra.

I.M. - Você teve algum árbitro como referência para sua atuação? Por quê?

S.O. - Eu adorava ver o Roberto Nunes Morgado<sup>4</sup> trabalhando. Ele é um árbitro do século passado também, da década de 1970, 1980, quando eu iniciei minha carreira. E eu já adorava ver os homens de preto<sup>5</sup> (risos), já ia aos jogos com os meus 12, 13 anos de idade, porque meu pai me levava às partidas de futebol. E já admirava aquelas pessoas que estavam ali dentro comandando o espetáculo. E uma recordação muito forte que eu tenho é do Roberto Nunes Morgado.

I.M. – Como foi para você conciliar as demandas da arbitragem com a sua vida pessoal?

S.O. – Foi bem complicado. Eu tive que, em determinado momento da minha carreira, quando eu comecei a progredir e tiver perspectivas de fazer grandes jogos, jogos da série A do Campeonato Paulista<sup>6</sup>, jogos da ConFederação Brasileira<sup>7</sup>, jogos pela FIFA eu tive que optar. Eu posso trabalhar o dia inteiro na Prefeitura Municipal de Santo André, que é onde eu trabalho até hoje e treinar no final da tarde, noite ou eu reduzo o meu horário na prefeitura e me dedico aos treinamentos o resto do dia. E assim eu fiz, eu tive que reduzir

---

<sup>4</sup> Ex-árbitro de futebol paulista, que integrou o quadro da CBF.

<sup>5</sup> Nome popular conferido aos árbitros de futebol, que até então, utilizavam somente uniformes negros.

<sup>6</sup> Primeira divisão do Campeonato Paulista de futebol.

<sup>7</sup> Jogos do Campeonato Brasileiro, da CBF.

minha carga horária, reduzir toda a minha jornada de trabalho, inclusive eu sinto hoje quando eu estou prestes a me aposentar pela prefeitura. Eu vou receber metade do salário que eu poderia receber, mas porque eu optei por treinar e me dedicar fisicamente muito bem à arbitragem.

I.M. – Quais episódios marcaram a sua carreira na arbitragem até o momento?

S.O – Todos os jogos têm um episódio, não é? Um episódio ou outro. Então, cada partida, cada época em que eu apitei elas tiveram seus episódios. Nós estamos aqui gravando em um campo do Nacional Atlético Clube em São Paulo. Aqui mesmo nesse estádio<sup>8</sup>, onde eu dou treinamento para os árbitros, eu levei um choque dentro do campo (risos). Porque estava chovendo muito e a irrigação eletrônica deu ali algum problema e veio aquela água e levei um choque. Então os episódios são dos mais variados tipos, não é? Até você marcar um tiro penal, em que o assistente falou: “Não foi, não foi” e eu falar: “Não, foi, tenho certeza que foi”. Aí depois olhar na televisão e dizer: “Aí, caramba! Não foi, realmente eu errei!”. Ou um que marcou bastante, que eu estava nas Olimpíadas, antes da semifinal e aí o diretor das Olimpíadas da FIFA, que comandava os árbitros chamou duas meninas e falou: “Dependendo de quem estiver na final das Olimpíadas<sup>9</sup>, será uma de vocês duas que vai apitar”. Essas Olimpíadas de Atenas, em 2004. Felizmente ou infelizmente, o Brasil estava na final e eu não apitei a final. Felizmente para elas e infelizmente para mim. Então são episódios assim que eu tenho registro, não é? E muitos outros, se a gente for contar vamos ficar o dia inteiro aqui falando.

I.M. – Sílvia, como foi a primeira partida que você realizou no futebol masculino, foi em 2000 não foi no Campeonato Paulista?

S.O. - A primeira partida, minha primeira partida. Vamos colocar na ordem cronológica, a minha primeira partida de futebol foi em 1982, jogo entre escola de árbitros A e árbitros já formados, na chácara do Pedro Ignácio Filho, no Pico do Jaraguá<sup>10</sup>. Essa foi minha primeira partida de futebol. A minha primeira partida de futebol profissional, eu tenho

---

<sup>8</sup> Estádio Nicolau Alayon, do Nacional Atlético Clube, em São Paulo (SP).

<sup>9</sup> Final do futebol feminino nas Olimpíadas de Atenas, em 2004.

<sup>10</sup> Ponto mais alto, em termos altitude, da cidade de São Paulo (SP).

muito gosto de dizer, foi muito marcante para mim porque quase 20 anos depois eu consegui fazer uma partida de futebol profissional, foi Jabaquara<sup>11</sup> e Comercial de Registro<sup>12</sup>, no campo Espanha em Santos, campo do Jabaquara. Então essa foi a minha primeira partida profissional. A minha primeira partida do Campeonato Paulista da série A, foi em 2000? Eu já não sei te dizer, já não tem tanta importância para mim, já não é uma coisa que eu lembrar para você, dizer a data, já fazia parte da carreira. Eu estava progredindo, faz parte da carreira. Eu me lembro o jogo, que foi Mogi Mirim e São Paulo<sup>13</sup>, mas não sei dizer para você o ano.

I.M. – Sílvia, como foi comandar o primeiro trio de arbitragem feminino a trabalhar em uma partida masculina em 2003<sup>14</sup> no Campeonato Brasileiro?

S.O. – O primeiro a trabalhar eu um brasileiro realmente foi marcante. Mas como eu te respondi na pergunta anterior, foi uma progressão da carreira. Já não era uma coisa assim: “nossa é a primeira vez que uma mulher vai apitar um jogo”. Eu fui lá e apitei o jogo. Eu não tinha e não tenho até hoje essa coisa de sobrecargas sobre o jogo. O jogo já é uma coisa difícil de fazer, você tem que fazer com dedicação para poder acertar o máximo. Se eu ficasse pensando: “Ah, o primeiro trio, o primeiro jogo, o Campeonato Brasileiro, a Olimpíada, isso ou aquilo” seria uma sobrecarga. Então esses fatos, eu não consigo lembrar para dizer, para descrever para as pessoas ao ponto de: “Nossa eu senti alguma coisa muito diferente, não”. Eu fui lá, apitei o jogo e pronto.

I.M. – E o fato de ser a primeira mulher a apitar uma partida na Copa Sul-Americana em 2003?

S.O. – Eu fiquei muito contente quando fui a um curso de arbitragem, fui dar o curso de arbitragem e aí todas as meninas da América do Sul, no curso de arbitragem feminino para

---

<sup>11</sup> Jabaquara Atlético Clube, da cidade de Santos (SP). O seu estádio é chamado de Estádio Espanha.

<sup>12</sup> Comercial Esporte Clube, da cidade de Registro (SP).

<sup>13</sup> Partida entre Mogi Mirim (SP) e São Paulo (SP) válida pela série A1 do Campeonato Paulista em 2001.

<sup>14</sup> Partida entre Guarani (SP) e São Paulo (SP) realizada em 30 de junho de 2003, pela série A do Campeonato Brasileiro. Foi a primeira partida de futebol masculino comandada por trio de

todas as árbitras FIFA da América do Sul, um curso pela CONMEBOL<sup>15</sup>. Chegando lá elas disseram assim para mim: “Sílvia, nós fizemos um estudo de caso do seu jogo! Nós pegamos o seu jogo e analisamos minuto a minuto a sua arbitragem!”. Lá, quando elas me falaram isso que eu tive a dimensão assim de...falei: “Nossa, realmente então eu fiz uma coisa muito diferente!”, não é? Quando eu apitei o jogo, de coração eu digo isso, para mim era mais um jogo muito importante que eu ia fazer, que eu teria que me dedicar ao máximo como eu dedicava em todos os outros. Depois, parando, encerrando a carreira, voltando atrás, observando, vendo, revendo a minha história que eu percebi que foi uma, mais uma vez foi o senhor Armando Marques quem me escalou, foi uma conquista, uma vitória, um exemplo para as meninas que viriam.

I.M. - Como você percebe o olhar dos outros (jogadores, torcedores, comissão técnica, comentaristas) sobre a mulher em campo no futebol profissional brasileiro?

S.O. - Quando eu apitava percebia se o jogador fazia uma falta, se ele tomava alguma atitude antidesportiva, se eu precisava tomar providências disciplinares e quais eram as medidas técnicas que eu tinha que tomar no campo de jogo. Era só isso que eu observava. Hoje, que eu parei, como eu percebo que essas pessoas falam das meninas que estão trabalhando hoje, assim como falam de um árbitro, por exemplo, que não tem cabelo: “Oh, aquele careca está apitando o jogo!” Aí tem uma menina bandeirando o jogo: “Olha, tem uma mulher apitando o jogo!” Cada peculiaridade de cada pessoa é destacada para se falar alguma coisa. E falar das mulheres tem mais audiência do que falar dos homens, não é? Na nossa cultura machista, se gosta “Nossa, que bonitinha!” ao invés de falar: “Que profissional competente!”. Então não dá para ter muita importância o que as pessoas acabam falando sobre elas.

I.M. - Em sua visão como são vistos pela mídia os erros de arbitragem cometidos por homens e mulheres? Existe alguma diferença na maneira como são retratados?

---

arbitragem feminino. O trio foi composto por Sílvia Regina, as assistentes Ana Paula Oliveira e Aline Lambert.

<sup>15</sup> ConFederação Sul-Americana de Futebol.



S.O. - Existe, com certeza existe. Porque se vende mais, as pessoas querem ouvir os erros dos outros, não é? Os torcedores hoje, que eu não apito mais, eu percebo como é o comportamento de um torcedor. O torcedor ele sente mais prazer na derrota do time adversário do que na vitória do seu time. Ele sente mais prazer em ver que alguém errou do que um grande gol. Então a mídia sabe disso, sabe que falar de uma mulher no campo de jogo, onde é um ambiente em que muitos achavam que não deveria ser, vai ter mais audiência do que não falar nada, do que falar dos acertos que ela teve. Então existem diferenças sim. Por quê? Existe mais expectativa nestes comentários do que em um comentário a respeito dos homens.

I.M. - Quando você parou de arbitrar, por quê?

S.O. - Eu parei dois anos antes do que a idade em que eu deveria parar, com 43 anos, por lesões, lesões, muitas lesões. E eu já não conseguia mais treinar como eu precisaria treinar. As provas físicas haviam mudado naquela época, então eu não corria mais o teste de Cooper, eu tinha que fazer uma prova nova da FIFA, que se exige muito. E aí eu me lesionei gravemente e eu tive que optar por parar. E felizmente logo no mesmo momento em que eu divulguei que iria parar para a minha comissão de arbitragem, eu fui convidada, felizmente, para ser membro da comissão de arbitragem. Então para mim não teve interrupção no trabalho no futebol.

I.M. - Como foi a decisão de parar de arbitrar, foi uma decisão difícil?

S.O. - Não, foi muito tranquila. Porque era o momento, eu tinha que parar realmente. E já tinha feito muitas coisas, apitando muitos jogos, já tinha viajado o mundo e, aquele era o momento de parar.

I.M. - Sílvia, você gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

S.O. - Eu gostaria que as pessoas que lessem teu trabalho, as meninas principalmente que lessem, porque vão ler porque se interessam por arbitragem, e se interessarem por arbitragem já é um grande passo para ser uma árbitra ou uma árbitra assistente. E só vai

perdurar nesse mundo aqueles que amam o que fazem, que não tenham outras expectativas a não ser estar no campo de jogo fazendo aquilo que gostam de fazer.

[FINAL DA ENTREVISTA]